



**Universidade de Brasília**

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

**PARA ALÉM DO ESPELHO**

**Um Ensaio Fotográfico Sobre Identidades TRANS**

Brasília

2021

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

**PARA ALÉM DO ESPELHO**

**Um Ensaio Fotográfico Sobre Identidades TRANS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda

Orientador: Marcelo Feijó

Brasília

2021

JÚLIA DE LANNOY COIMBRA TAVARES

**PARA ALÉM DO ESPELHO**

**Um Ensaio Fotográfico Sobre Identidades TRANS**

Projeto Experimental aprovado em 04/11/2021, para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Marcelo Feijó  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susana Dobal  
Membro

---

Prof<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Emília Silberstein  
Membro

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rose May Carneiro  
Suplente

## **DEDICATÓRIA**

A todas, todos e todes que tiveram sua existência questionada alguma vez na vida. Que nossos corpos e mentes sejam livres para ser e sentir tudo o que for leve e prazeroso. Que nosso gênero, sexualidade e estado físico, nossa raça e classe social, não sejam matéria de angústia ou conflito, mas motivo de orgulho, força e união. E que possamos comungar respeito, esperança e afeto.

A todos que perderam parentes e amigos para a Covid-19, que possam encontrar conforto entre os que ficam. Que não nos esqueçamos de suas dores, mas que possamos aprender com os erros e honrar os que se foram.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, dando todo o suporte necessário para que eu chegasse ao fim dessa longa trajetória acadêmica. Em especial à minha mãe, Leonor, que me encorajou e me deu colo até o último momento.

Ao Kayodê, que não apenas topou ser fotografado para este projeto, como também me ajudou a encontrar as outras personagens e a desenvolver um trabalho pautado no respeito e na diversidade. E à Cris, à Dani, ao Ernesto e Gabriel, por embarcarem nessa comigo, abrindo suas casas e compartilhando suas vivências, muito obrigada!

Aos meus amigos, aos quais me faltam palavras para agradecer tanto carinho. Nesse tempo de pandemia, onde tantos laços foram rompidos, é reconfortante saber que tenho comigo pessoas que me apoiam, me incentivam e torcem pelo meu sucesso. Que sigamos juntos, alimentando sonhos, criando histórias e celebrando carnavais.

À Universidade de Brasília, seus funcionários, alunos e colaboradores, por tudo o que me foi dado ao longo dos quase nove anos de convivência. Agradeço em particular ao meu orientador, Marcelo Feijó, por me guiar nessa difícil caminhada que é o Trabalho de Conclusão de Curso. Aos demais professores e colegas da Faculdade de Comunicação: foi um prazer dividir minha trajetória com vocês. A pessoa que sou hoje é, em muito, resultado dos ensinamentos e das experiências vividas por meio da UnB, e a isso serei eternamente grata. Vida longa à universidade pública e gratuita de qualidade!

*Vamos construindo um mundo de referência*  
*Resistência!*

Rosa Maria Codinome Rosa Luz, **Rosa Luz**

## RESUMO

O presente trabalho consiste no memorial do ensaio fotográfico Para Além do Espelho, que compreende uma série de quarenta e cinco fotografias tiradas ao longo de cinco encontros com cinco pessoas de identidades de gênero, sexualidades, raças e idades distintas, cujo objetivo é reconhecer e valorizar a diversidade existente dentro da comunidade trans, por meio da participação direta dessas personagens na elaboração de narrativas que respeitem suas individualidades e expandam sua representatividade.

**Palavras chaves:** “fotografia”, “transexualidade”, “transgênero”, “gênero”, “representatividade”, “diversidade”.

## **ABSTRACT**

The present work consists in a memorial description of the photo essay *Para Além do Espelho* (Behind the Mirror), which comprises a series of forty five photographs taken over five meetings with five people of different gender identities, sexualities, races and ages, whose objective is to recognizing and valuing the diversity within the trans community, through the direct participation of these characters in the development of narratives that respect their individualities and expand their representation.

**Keywords:** “photography”, “transgender”, gender”, “queer”, “diversity”.

## SUMÁRIO

<b>Glossário.....</b>	<b>10</b>
<b>1. Apresentação.....</b>	<b>11</b>
<b>2. Problema de pesquisa.....</b>	<b>13</b>
<b>3. Objetivos.....</b>	<b>13</b>
3.1. Objetivo geral.....	13
3.2. Objetivos específicos.....	13
<b>4. Justificativa.....</b>	<b>13</b>
<b>5. Referencial Teórico.....</b>	<b>15</b>
5.1. Um breve olhar sobre a transgeneridade .....	15
5.2. A documentação fotográfica.....	16
<b>6. Metodologia.....</b>	<b>19</b>
6.1. Pensando o ensaio.....	19
6.2. Fotografando.....	21
6.3. Selecionando e editando.....	22
<b>7. Considerações Finais.....</b>	<b>23</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>25</b>
<b>ANEXO I — The Gender Spectrum Collection.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO II — Call Me Heena.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO II — Cronograma.....</b>	<b>32</b>
<b>Para Além do Espelho (ensaio).....</b>	<b>33</b>

## **GLOSSÁRIO**

### **TRANSEXUAL/TRANSGÊNERO**

Termo genérico utilizado para descrever uma ampla gama de identidades (mulheres trans, travestis, homens trans, pessoas não binárias, etc.), cujas aparências e características são percebidas como atípicas do gênero.

### **CISGÊNERO**

Pessoa cujo gênero com a qual se identifica condiz com o sexo que lhe foi designado ao nascer.

### **HOMEM TRANS**

Sente-se como homem, mas foi definido como possuindo o sexo feminino quando nasceu.

### **MULHER TRANS**

Identifica-se como mulher, mas foi classificada, ao nascer, como sendo do sexo masculino.

### **TRAVESTI**

Pessoas que nasceram com o sexo masculino mas que se identificam com o gênero feminino (na América Latina o termo “travesti” é dotado de simbolismo, sendo utilizado, muitas vezes, por seu caráter político e social).

### **NÃO BINÁRIO/NÃO BINÁRIA/NÃO BINÁRIE**

Pessoa que não se identifica nem como mulher nem como homem, podendo se reconhecer com uma identidade que está entre os dois extremos ou um terceiro gênero.

## 1. Apresentação

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Esse dado tem como fonte diversas organizações não governamentais, associações e instituições independentes, de diferentes países, que fazem o trabalho de investigar, catalogar e divulgar informações sobre a violência a pessoas trans, uma vez que existem poucos instrumentos oficiais que se ocupem do tema — reflexo e consequência da falta de políticas públicas e de assistência, por parte do governo, a essa população.

Ao mesmo tempo em que se vê o descaso de autoridades e órgãos competentes em enfrentar a questão da violência, sabemos que seu principal motivador, o preconceito, compõe, há muito, nossa sociedade, e gera efeitos profundos e difíceis de serem combatidos. A cultura de julgamento, intolerância e desrespeito à diversidade causa sofrimento, adocece e mata. Se a ignorância, aqui entendida em seu sentido literal de “desconhecimento”, provoca medo, aversão e agressividade, é preciso combatê-la por meio da informação.

É partindo desse pressuposto que comecei a desenvolver, em 2020, a proposta deste projeto experimental. Antes disso já sabia que gostaria de me dedicar à fotografia como linguagem central do meu trabalho de conclusão de curso, por acreditar que existe nela uma forte potência para comunicar e educar para a pluralidade — bandeira pessoal que se reflete na minha vida profissional e acadêmica. Ainda que o ensaio fotográfico ao qual se refere este memorial não tenha foco na fotografia publicitária tradicional, entendo que a Publicidade tem como princípio a ideia de pautar, colocar em cena, os mais diversos temas, e é esse o sentido ao qual se propõe o Para Além do Espelho.

A escolha por abordar a temática da transexualidade acabou dando continuidade à pesquisa realizada durante minha primeira graduação, Audiovisual, que tratou da saúde de pessoas transgêneras, por meio de um documentário sobre o Ambulatório Trans do Distrito Federal. Meu interesse pelo assunto é, provavelmente, reflexo das minhas próprias vivências enquanto parte da comunidade LGBTI, somadas a uma série de relatos e experiências com inúmeras travestis e transexuais a que tive acesso ao longo dos últimos anos, e que me causam empatia e me fazem acreditar que enfrentar a LGBTfobia e, mais

especificamente, a transfobia, é dever de todo cidadão, independente de gênero ou sexualidade.

A carência de representatividade e a representação equivocada de nossos corpos e identidades também é fator que soma a esse contexto de discriminação e hostilidade. Nesse sentido, a fotografia torna-se uma linguagem poderosíssima para fomentar a educação social e articular transformações. A falta de visibilidade de figuras trans em peças publicitárias, produtos audiovisuais, nas redes sociais e demais canais de impacto massivo é acompanhada de uma representação limitada e enviesada desses corpos. Promover a diversidade de características físicas e estéticas existente entre travestis e transexuais é possibilitar ao imaginário coletivo uma construção muito mais ampla sobre as diferentes possibilidades de se apresentar à sociedade.

Com o intuito de contribuir para essa educação imagética, social e cultural, proponho um projeto prático, cujo desenvolvimento pode ser acompanhado neste memorial, que trabalhe uma grande diversidade de corpos trans, captada em fotografia, e que sirva como registro dessas identidades tão invisibilizadas. Para Além do Espelho apresenta cinco personagens: Cris, Dani, Ernesto, Gabriel e Kayodê, fotografados em cinco encontros que renderam um ensaio com 45 fotos. Cada um deles foi retratado a partir de conversas que tivemos ao longo de quatro semanas, a fim de formular narrativas que fossem representativas enquanto documentação do coletivo e, principalmente, que respeitassem e valorizassem a individualidade de cada sujeito. Espera-se, portanto, que as fotografias aqui expostas colaborem para a formação de percepções mais humanas e empáticas às diferenças, que questionem suas referências estéticas e, assim, possam melhor reconhecer o valor e a beleza do outro.

## **2. Problema de pesquisa**

Como a fotografia pode ser instrumento de valorização e respeito aos corpos trans, validando a pluralidade de identidades de gênero existentes?

## **3. Objetivos**

### **3.1. Objetivo geral**

Contribuir para o reconhecimento e valorização da diversidade de corpos e identidades de gênero existentes entre a população trans do Distrito Federal por meio de um ensaio fotográfico.

### **3.2. Objetivos específicos**

- 3.2.1. Retratar, por meio do registro fotográfico, a diversidade de raças, cores, corpos, estilos e contextos sociais presentes entre a população trans.
- 3.2.2. Confrontar estereótipos presentes na representação de travestis e transexuais na mídia.
- 3.2.3. Trabalhar a fotografia como linguagem artística e comunicacional capaz de informar, educar e combater preconceitos.
- 3.2.4. Entender o papel da fotografia enquanto documento histórico capaz de influenciar contextos socioculturais diversos.

## **4. Justificativa**

O interesse científico sobre a transexualidade surgiu entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX (MURTA, 2014). Ao longo dos últimos cem anos, a transgeneridade tem sido alvo de estudos em diversos campos do conhecimento, e sua conceituação, normalmente pautada pela agenda das ciências médicas, é objeto de inúmeros debates e conflitos. Em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deixou de considerar a transexualidade como uma doença mental e passou a classificá-la como uma condição relativa à saúde sexual, o que talvez represente a maior conquista dessa população na história. Hoje, travestis e

transexuais de todo o mundo se mobilizam para reivindicar maiores direitos civis, como o reconhecimento de suas identidades e o acesso a acompanhamento físico e psicológico de qualidade.

Em 2020, 175 travestis e transexuais foram assassinadas no Brasil, segundo o Dossiê Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras, divulgado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), em janeiro de 2021. Esse número é quase três vezes maior do que o registrado no México, segundo colocado da lista, de acordo com o Observatório de Pessoas Trans Assassinadas no Mundo, publicado pelo *Transrespect versus Transphobia Worldwide* (TvT), projeto da ONG europeia Transgender Europe (TGEU), criada em 2005 e referência global sobre o assunto. O Brasil é, há anos, o país que mais mata pessoas trans no mundo :

“A maior parte da população Trans no país vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019).

É nesse cenário, de extrema violência e forte desamparo social e civil, em que se encontra a imensa maioria da população trans brasileira. Por mais que a temática de gênero esteja em pauta nos últimos anos — uma análise do Google Trends indica um aumento expressivo nas buscas por tópicos como “homem trans”, “mulher trans” e “gênero binário” na plataforma desde 2016; ainda é preciso discutir muito o assunto, de forma mais aprofundada, para que se possa avançar na construção de uma sociedade mais inclusiva, e na elaboração de políticas públicas que realmente garantam melhores condições de vida a travestis e transexuais.

Dessa forma, entendendo que é papel também da Publicidade promover o debate acerca desse e de outros temas de relevância social, este projeto pretende contribuir para a visibilidade das pessoas trans no Distrito Federal e para o avanço de matérias que impactam coletivamente essa população. Sabendo que a difusão dessa agenda é carregada de lacunas no que diz respeito à forma como transgêneros são representados pela mídia e outros meios de comunicação visual, nos poucos espaços que lhes são oferecidos, propõe-se também um olhar mais individualizado, que respeite as particularidades de cada sujeito. Assim, o ensaio fotográfico ao qual este memorial se refere foi elaborado de forma coletiva, com a

participação direta de travestis, pessoas não binárias e homens e mulheres trans, a fim de construir uma documentação que respeite suas vivências e seja representativa das diferentes identidades que contemplam o projeto.

## **5. Referencial Teórico**

### **5.1. Um breve olhar sobre a transgeneridade**

A história da transgeneridade não é recente. O fenômeno das identidades trans é encontrado na mitologia greco-romana, em registros dos ameríndios Berdaches, entre os Muxés mexicanos, os Mahus polinésios, os Kathoys tailandeses, os Fa'afafine de Samoa e as Hijras do sul da Ásia (AYOUCH, 2015). Ao longo dos séculos, a transexualidade vem sendo estudada, analisada e compreendida enquanto forma de expressão a partir de diversos olhares: médico-científico, sócio-cultural, político e religioso.

O PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (em inglês United Nations Development Programme, UNDP), considera que o termo “transgênero” passou a ser usado para fazer referência a uma “ampla variedade de identidades e experiências [...] cujas aparência e características de gênero são percebidas como atípicas” (UNDP, 2010, p. 3, tradução da autora). Definições semelhantes são encontradas em diversos documentos oficiais das Nações Unidas e, ainda que possam soar genéricas, reforçam a concepção de que o universo da transexualidade não está limitado a uma ou outra identidade de gênero e, menos ainda, a condições como cirurgia, hormonização ou sexualidade. Pelo contrário, são inúmeras as possibilidades que cada indivíduo tem de se identificar, em maior ou menor conformidade com padrões sociais pré existentes.

Esse conflito com as normas de gênero, enquanto vivência identitária, também é usado por Berenice Bento em sua obra *O que é transexualidade* (2017) para definir a transexualidade, travestilidade e transgeneridade, que, segundo ela, “são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações”. A autora lembra que esse constante questionamento gera uma série de dúvidas, solidão e medo, e defende que:

Afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construírem novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa esquecer a dor e a

angústia que marcam as subjetividades daqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas por terem comportamentos considerados inapropriados para seus sexos (BENTO, 2017, s/n).

Bento assume que o sentido de feminilidade e da masculinidade é construído socialmente a partir de campos pré determinados aos quais os indivíduos são apontados antes do nascimento. Esse conjunto de expectativas está ligado diretamente à genitália, uma vez que essa é a responsável por designar o sexo de uma criança e defini-la como menino ou menina. Dessa forma, as pessoas trans, de acordo com a autora, “demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas” (BENTO, 2017, pg. 38) e, ao mesmo tempo que evidenciam possíveis transformações das normas de gênero, se arriscam ao transgredi-las.

Homens e mulheres trans, travestis, transgêneros, pessoas não binárias e tantas outras são, portando, ainda que inconsciente ou involuntariamente, sujeitos desafiadores de princípios já enraizados na sociedade, e cujo questionamento exige reflexões profundas, que dizem respeito não somente a elas, mas também às pessoas cisgêneras, uma vez que são todas reféns dessas concepções de feminino e masculino. É preciso compreender as dificuldades resultantes dessa discordância às normas de gênero, sem no entanto assumir o sofrimento como elemento imprescindível na vivência trans, uma vez que essas adversidades às quais estão expostos são, em parte, consequência de obstáculos sócio-culturais que limitam o indivíduo.

## **5.2. A documentação fotográfica**

Historicamente, a fotografia é reconhecida como instrumento de relevância para a documentação e preservação da memória humana, sendo objeto de grande interesse das ciências sociais há várias décadas. Quando adentramos o campo da Comunicação, a linguagem fotográfica torna-se foco de estudo de diferentes áreas, uma vez que pode ser aplicada em diversos meios e com inúmeras finalidades. No caso deste trabalho, a fotografia exerce dois papéis: primeiro, o de plataforma, ou código, utilizado para o desenvolvimento de uma discussão acerca do tema de gênero, partindo de uma inquietação quanto à falta de representações imagéticas

com esse enfoque — e é nesse sentido em que este *produto* se aproxima mais da área da Publicidade e Propaganda.

A segunda frente deste projeto experimental conduz ao estudo específico da fotografia enquanto narrativa social, se tornando um importante documento de registro histórico e cultural. Segundo acredita Boris Kossoy, fotógrafo e historiador brasileiro nascido na década de 1940, “desaparecidos os cenários, personagens e monumentos, sobrevivem, por vezes, os documentos” (KOSSOY, 2020, p.32). É com esse entendimento, de que as imagens podem perdurar pelo tempo, que Para Além do Espelho foi pensado, acreditando no valor dessa documentação, em especial por se tratar do reconhecimento de indivíduos que têm suas próprias existências negadas e apagadas pela história.

A fotografia registra a realidade, o verdadeiro. Tudo o que o fotógrafo captura com sua câmera, por mais influências pessoais e externas que possa carregar, é sempre a exposição de um fato concreto e real, ainda que possa ter sido arquitetado especificamente para o momento da foto. Para além de sua veracidade comprovada e da possibilidade de evidenciar o real, a imagem produzida por uma câmera permite a reconstrução de trajetórias de forma muito mais tangível do que a mera lembrança ou mesmo por meio de arquivos escritos, o que, muitas vezes, emociona o espectador:

São esses fragmentos interrompidos de vida, que por vezes revemos, uma insuperável, por vezes constrangedora, fonte de recordação e emoção. São os documentos fotográficos também um insubstituível meio de informação. [...] Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento do passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. (KOSSOY, 2020, p.115).

Se, por um lado, a fotografia garante o reconhecimento e registro de sujeitos marginalizados, por outro é importante estar atento às particularidades que travestis e transexuais possam ter na construção de suas histórias por meio de imagens. Por vezes, esse material pode reforçar partes da narrativa que o indivíduo prefere desconsiderar, ou, ainda, que considere valorosa, mas que cause algum tipo de

desconforto ou sofrimento. A antropóloga Marcela Vasco dedicou parte de sua trajetória acadêmica ao estudo da relação que pessoas trans têm com a fotografia, e afirma que essas lembranças podem mostrar “exatamente o pertencimento a uma categoria de gênero a qual foi preciso superar através de uma transformação corporal marginalizada e muitas vezes traumática” (VASCO, 2013).

De acordo com Vasco, um ponto importante para se entender o “deslocamento da identidade de gênero” de transgêneros é o da não correspondência entre imagem e autoimagem (VASCO, 2015), uma vez que o gênero retratado antes da transição não está em conformidade com a leitura que esses indivíduos fazem de si mesmos. A formação dessas identidades, porém, não se dá somente por meio de intervenções físicas, como cirurgias e hormonização, mas também de forma conceitual, através de vivências que questionam o binarismo de gênero<sup>1</sup> e refletem diferentes formas de se sentir e reconhecer.

A fotografia nos fala não de elementos como a ingestão de hormônios e a aplicação de silicone, tão recorrentes em abordagens antropológicas sobre o tema, mas de relações mais afetivas a respeito da própria noção do eu travesti ou transexual, uma vez que a construção dessas identidades se dá não somente através de transformações do corpo, mas também de experiências sensíveis como a de Carla que queima uma foto e a de Júlia que vê na foto da gravata borboleta seu desejo pelo vestido da irmã (VASCO, 2013, p. 154).

Se existe uma “incapacidade da fotografia em absorver toda a verdade ou todo o real” (VASCO, 2015) não se pode esquecer que existe nessa dicotomia entre função e materialidade do exercício fotográfico um componente substancial: o fotógrafo. Não se pode ignorar que a produção desses documentos apresentam uma “natureza testemunhal” (KOSSOY, 2020) e, nesse sentido, a realidade da qual tanto se fala na fotografia é também resultado de experiências passadas e da interpretação momentânea de quem as produz.

Essa presença do fotógrafo na construção da narrativa acontece em maior ou menor escala a depender do gênero trabalhado, mas sempre será um componente intrínseco à atividade fotográfica, influenciando não apenas a composição do quadro, mas a escolha do tema em si e a maneira como a história em questão será contada. Em um contexto de temáticas sensíveis, como é o deste projeto, é fundamental entender quais as interferências que atuam sobre o objeto retratado,

1. Binarismo de gênero: a compreensão, limitada, de que a sociedade é dividida entre homem e mulher, feminino e; sem que haja outras possibilidades entre eles.

nesse caso as personagens, uma vez que o mesmo já se encontra carregado de elementos que podem tornar sua leitura mais densa e sujeita a falhas de entendimento.

O registro visual documenta [...] a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal (KOSSOY, 2020, p. 46).

Ao confrontar História da Fotografia, de Boris Kossoy, com os estudos de Marcela Vasco, é possível perceber que a fotografia, enquanto instrumento de documentação visual, tem como alicerce o registro do real, sem, no entanto, ser capaz de compreendê-lo em sua totalidade. Soma-se a essa limitação a interferência do fotógrafo, distanciando ainda mais foto e realidade. Ainda assim, existe aí um dispositivo com imenso potencial narrativo, passível de dar luz a objetos e sujeitos, reconhecendo suas existências e garantindo que não sejam esquecidos pela história.

## **6. Metodologia**

### **6.1. Pensando o Ensaio**

Para Além do Espelho foi pensado como um projeto experimental, no sentido de servir como exercício fotográfico que procura estudar as possibilidades de construção de narrativa a partir de um tema geral — a vivência de pessoas trans — mas sem caminhos técnicos ou estéticos fortemente pré determinados. Dessa forma, cada um dos cinco conjuntos de fotografia produzidos foi desenvolvido gradativamente, com a participação direta das personagens envolvidas, uma vez que um dos pilares do projeto é, justamente, trabalhar a representação dessas figuras de acordo com suas próprias leituras de si mesmas, confrontando o olhar enviesado que narradores cisgêneros costumam apresentar, bem como as plataformas nas quais grande parte das imagens produzidas com essa temática estão dispostas.

Os trabalhos de Drucker e de Sharmin (Anexo I e Anexo II) foram referências importantes para a concepção do ensaio fotográfico aqui discutido. Para

Além do Espelho foi muito fundamentado na obra *The Gender Spectrum Collection*, de Zackary Drucker, uma vez que busca apresentar as personagens em contextos cotidianos, sem trazer necessariamente a questão de gênero como foco principal de suas narrativas, mas como mais um elemento formador de suas individualidades, sem excluí-las ou distanciá-las de realidades comuns à população no geral. Já *Call Me Heena*, de Shahría Sharmin, influenciou a forma como este ensaio foi captado: a fotógrafa enquanto instrumento de escrita da narrativa a partir, evidentemente, de seu olhar e sua bagagem pessoal, mas sem ditar o caminho da mesma, já que as personagens fotografadas são, além de protagonistas, co-autoras das histórias contadas.

Essa construção coletiva se deu por meio de uma série de conversas entre fotógrafa e personagens. Em todos os cinco ensaios — e aqui tratamos de cada série de nove fotografias como um *mini ensaio* pertencente a um Ensaio maior, o Para Além do Espelho — os sujeitos fotografados foram convidados a responder a seguinte questão: como você gostaria de ser registrado? A ideia era discutir, para além da falta de representatividade de pessoas trans nas diversas plataformas de compartilhamento de imagens existentes e, de forma mais pontual, pela mídia, de que maneira essas representações imagéticas, quando existentes, podem traduzir melhor tais sujeitos, entendendo que, dentro do universo da transgeneridade, encontra-se uma pluralidade de corpos, idades, raças, contextos sociais e, claro, identidades, que não devem ser ignorados em tentativas, ainda que involuntárias, de generalizar pessoas transgêneras.

Dessa forma, as cinco personagens convidadas para este Ensaio foram escolhidas de maneira a tentar contemplar a maior variedade possível das características citadas acima. Compõe o grupo: um homem trans, uma mulher trans, uma travesti, uma pessoa pessoa não binária masculina e uma pessoa não binária feminina, dentre as quais encontramos pretos, pardos e brancos, com idades que variam da faixa dos 20 aos 60 anos, moradoras do Plano Piloto<sup>2</sup> e de fora dele, incluindo regiões de periferia do Distrito Federal. Essa tentativa de fotografar um grupo bastante diverso não contempla, e nem pretende contemplar, a totalidade das narrativas existentes entre a população trans do DF, mas busca não deixar de fora questões determinantes quando falamos de inclusão, respeito e representatividade.

<sup>2</sup>. Plano Piloto: região central de Brasília, no Distrito Federal.

## 6.2. Fotografando

Enquanto projeto experimental, uma das propostas a ser trabalhada neste Ensaio foi a relação entre fotógrafa e personagem, entendendo que tal relação difere a partir da existência ou não de uma convivência anterior à construção do projeto. Assim, optou-se por experienciar as duas possibilidades: parte das pessoas fotografadas já era conhecida e parte não. Essa dinâmica permitiu entender até que ponto a proximidade entre fotógrafa e sujeito fotografado interfere no resultado final das fotos.

Todos os cinco conjuntos de fotografias que compõem Para Além do Espelho são resultado de uma sessão fotográfica única — uma opção que teve como principal objetivo reproduzir da forma mais fiel possível o resultado do trato entre fotógrafa e sujeito fotografado. A conversa pré fotografia existiu com as cinco personagens em níveis diferentes, com mais ou menos intensidade e por diferentes plataformas: ligação telefônica, mensagens de texto, vídeo chamada e encontro presencial. A proposta desses pequenos encontros era, para além da apresentação do projeto, de entender, ainda que superficialmente, quais as particularidades de cada sujeito em relação à forma como gostariam de ser apresentados ao público e o que poderia ser feito para tentar contemplar as expectativas geradas ao se colocarem como elemento central de uma narrativa fotográfica.

Outro elemento comum aos cinco encontros foi a escolha pela luz ambiente como fonte principal de iluminação. A utilização de uma fonte de luz extra, fosse ela uma painel de led ou mesmo um rebatedor, se deu em pouquíssimos momentos, apenas como atenuante de sombras muito marcadas ou para destacar algum ponto específico dos retratos. Essa decisão também teve como objetivo reforçar a documentação fidedigna da realidade em que as personagens se apresentavam no momento, entendendo que a opção por montar um esquema de iluminação mais complexo poderia trazer certa artificialidade às fotografias e dificultar a dinâmica no set.

Os cenários escolhidos para as sessões também são fruto da construção conjunta de narrativa mencionada anteriormente. Inicialmente, a proposta do Ensaio era fotografar as personagens em casa, durante suas atividades rotineiras. No entanto, por motivos que variam entre medidas sanitárias referentes à

Pandemia da Covid-19 e relação com familiares, duas personagens estiveram mais inclinadas a serem fotografadas em outros espaços. Ainda que essa nova configuração gere, a princípio, um estranhamento ao observar a obra na sua totalidade, a combinação de cenas internas e externas acabou por trazer maiores possibilidades criativas para o Ensaio, que deixou de ter a fotógrafa apenas como mera observadora de uma realidade já pré estabelecida, para atuar diretamente na construção da cena — sempre de acordo com a premissa dos sujeitos como autores de suas próprias narrativas.

A câmera fotográfica utilizada em todo o Ensaio foi uma DSLR Canon EOS Rebel SL2 com duas lentes: uma fixa 50mm e uma variável 10-18mm. A grande angular foi empregue em momentos específicos, de contextualização do espaço, sendo a EF 50mm f/1.8 STM a lente principal do projeto. Todo o equipamento operado é particular da fotógrafa, o que tornou dispensável o aluguel de qualquer dispositivo ou acessório.

### **6.3. Selecionando e editando**

Cada uma das sessões de fotografia gerou mais de 500 fotos, totalizando mais de 3 mil *shoots*, dos quais 100% foram analisados, selecionados ou descartados. Esse processo se deu ao longo de quatro semanas, e reflete o caráter experimental do projeto, uma vez que criaram-se inúmeras possibilidades narrativas para cada personagem. A escolha de qual caminho seguir em cada uma das histórias contadas se deu buscando respeitar tanto a maneira como cada pessoa documentada gostaria de ser registrada, como a proposta inicial do trabalho de apresentar realidades distintas e valorizar a diversidade entre os sujeitos fotografados.

Pré selecionadas as fotos, foi feita uma série de testes para determinar qual seria a melhor opção para o tratamento dessas imagens. Mais uma vez, buscou-se manter as fotografias o mais fidedignas possíveis ao momento em que foram produzidas, especialmente no que diz respeito às cores do ambiente. Dessa forma, o processo de edição voltou-se mais a correções de quadro, e eventuais reenquadramentos, e a ajustes de luz e contraste que potencializassem o resultado

final de cada foto, sem no entanto propor grandes alterações nas paletas de cor pré definidas no momento da fotografia.

Para Além do Espelho compreende, enfim, um conjunto de 45 fotografias que registram cinco personagens: Cris, Dani, Ernesto, Gabriel e Kayodê. Cada um desses sujeitos é apresentado por meio de nove fotos produzidas em um ou mais ambientes sugeridos por eles mesmos ou em conversa com a fotógrafa, e que se pretendem elementos de soma na construção da narrativa particular dessas personagens. Visto no macro, este ensaio fotográfico expõe cinco cenários diferentes, cuja matéria comum são corpos que questionam a normalidade estética e conceitual na qual a maior parte da sociedade se insere sem refutar.

## **7. Considerações Finais**

Nas últimas décadas, travestis e transexuais em todo o mundo obtiveram conquistas sociais, políticas e civis de grande importância, como a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais pela Organização Mundial da Saúde, a possibilidade de retificação de nome e gênero sem necessidade de laudo médico em diversos países e o avanço da pauta de direitos e representatividade. No Brasil, por mais avanços que essa população tenha alcançado em termos de legislação, ainda evidenciamos, infelizmente, um cenário de preconceito, intolerância e desrespeito.

Tratar da transgeneridade enquanto objeto de estudo exige cuidado e atenção, especialmente quando, como no caso deste projeto, quem o faz é um indivíduo cisgênero, que não teve vivências similares e não pode sentir na pele os tipos de violência às quais pessoas trans são submetidas todos os dias. Por essa razão, é necessário considerar que cabe aos sujeitos em questão argumentar, a favor ou contra, os caminhos escolhidos no desenrolar do produto e, assim, favorecer a construção de narrativas mais verdadeiras e respeitosas.

A fotografia é, historicamente, instrumento de documentação da realidade e criação de ficção. Talvez nem sempre a distinção entre esses dois campos seja límpida já que, afinal, o real nunca pode ser totalmente capturado, sem interferências do autor, do meio ou do contexto; assim como tudo que é ficcional parte de referências concretas, pré existentes. Assim, cabe a cada narrador traçar

os limites do seu plano fotográfico e entender quais as vias que levam à história que se pretende contar.

No caso deste ensaio, a premissa básica foi: de que maneira você gostaria de ser registrado(a)? O objetivo principal desse projeto experimental — e aqui cabe ressaltar que, de fato, fez-se um experimento fotográfico, uma descoberta de forma, método e conteúdo; é tornar pública, de modo respeitoso e coerente, a expressão de identidades marginalizadas. Compreender as lacunas que as personagens fotografadas encontram nos registros, ou falta deles, de si mesmas foi parte fundamental desse processo, já que o culto à diversidade é um dos eixos deste trabalho.

A experiência de fotografar uma série de pessoas pertencentes a um mesmo grupo social, mas com inúmeras particularidades, revela que, no fim, todos nós queremos ser reconhecidos como nos enxergamos a nós mesmos, em nosso íntimo. Na fotografia nem tudo que se vê é, e nem tudo que é pode ser totalmente visto, mas, com atenção e cuidado, è possível criar imagens que se aproximem do ideal imaginado por cada sujeito fotografado, respeitando seus limites, valorizando sua individualidade e evidenciando, enfim, aquilo que se pode ver além do espelho.

## Referências bibliográficas

- ALLEN, Mariette Pathy. Momentum: A photo essay of the transgender community in the United States over 30 years, 1978–2007. **Sex Res Soc Policy**, v. 4, n. 92, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/srsp.2007.4.4.92>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.
- ARÁN, Márcia; LIONÇO, Tatiana; MURTA, Daniela. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.14, p. 1141-1149, 2009.
- AYOUCHE, Thamy. **Da transexualidade às transidentidades**: psicanálise e gêneros plurais. Percurso, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, 2015, Exigências da clínica e da cultura à psicanálise, pp.23-32. hal-01498414
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara Naider. Dossiê Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2019. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA**. 2020. Disponível em <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contr-pessoas-trans-em-2019.pdf>> Acesso em: 28 de outubro de 2021.
- BENITO, Emilio de. OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais. **El País**, Madri, 18 de jun 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/internacional/1529346704\\_000097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/internacional/1529346704_000097.html)> Acesso em: 28 de outubro de 2021.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. Editora brasiliense. 1ª ed. eBook. Tatuapé, 2017. 149 p.
- CUNHA, Thaís. Rotina de exclusão. **Correio Braziliense**, 2018. Disponível em: <<http://especiais.correio braziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-as-sassinatos-de-transexuais>> Acesso em: 28 de outubro de 2021.
- FREEMAN, Michael. **A narrativa fotográfica**: a arte de criar ensaios e reportagens visuais. Bookman Company Ed. Porto Alegre, 2014. 192 p.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. - 5 ed., 2 reimp. Ateliê Editorial. Cotia, 2020. 182 p.
- LIONÇO, Tatiana. Bioética e sexualidade: o desafio para a superação de práticas correcionais na atenção à saúde de travestis e transexuais. **Série Anis**: Brasília, n. 54, p. 16, 2008.
- MURTA, Daniela. Sobre a apropriação médica da transexualidade e a construção do “Transtorno de Identidade de Gênero”? Considerações sobre a psiquiatrização das vivências Trans. **HISTÓRIA AGORA**, v. 16, p. 69-83, 2014.

MURTA, Daniela **A psiquiatrização da transexualidade: análise dos efeitos do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero nas práticas de saúde**. 2007. Tese (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TRANSGENDER EUROPE. **TMM annual report 2016**. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>> Acesso em: 28 de outubro de 2021.

VASCO, Marcela Roberta Guimarães. **Imagens Trans: a fotografia como foco de pesquisa antropológica com travestis e transexuais**. 2013. 12 f. Revista de Antropologia da UFSCar. São Carlos, 2013. Disponível em <[http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/vol5no2\\_11.MarcelaVasco.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/vol5no2_11.MarcelaVasco.pdf)> Acessado em: 28 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_, Marcela Roberta Guimarães. **Imagens Trans: as relações de transexuais com suas fotografias de infância**. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, 2015. Disponível em <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/47553>> Acessado em: 28 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_, Marcela. **Poéticas de gênero e a transexualidade das fotografias bordadas**. *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 177-200, jan./jun. 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40394170/Po%C3%A9ticas\\_de\\_g%C3%AAnero\\_e\\_a\\_transexualidade\\_das\\_fotografias\\_bordadas](https://www.academia.edu/40394170/Po%C3%A9ticas_de_g%C3%AAnero_e_a_transexualidade_das_fotografias_bordadas)> Acessado em 28 de outubro de 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) NO BRASIL. **Páginas Trans: Um guia de acesso a direitos e serviços para a população trans**. ONU Livres & Iguais, 2019.

PINA, Wagner Pires. **Transluz: arte, corpo e imagem das travestis/transexuais: Monografia (graduação em Comunicação Social)**. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014.

RASMUSSEN, Bruna. **Fotos sensíveis mostram como vivem os transexuais no sul da Ásia. Hypeness**. 2014. Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2014/10/fotos-sensiveis-mostram-como-vivem-os-transexuais-no-sul-da-asia/>> Acesso em 28 de outubro de 2021.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Avila Dantas. **Quando o estranhamento se traduz em preconceito: trajetórias de vida de pessoas transexuais**. In: *Minorias Sexuais: direitos e preconceitos*, VIEIRA, T.R. (org). Brasília – DF: Consulex, 2012b. p. 341-351. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16266>> Acessado em 28 de outubro de 2021.

SANTOS, Maria de Fátima Lima; ARÁN, Márcia. **A construção do dispositivo da transexualidade**: saberes, tessituras e singularidades nas vivências trans. Tese - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTANA, Chinaira Raiazac Faria. **Inserção laboral de travestis e transexuais na cidade de São Paulo**: o Programa TransCidadania. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20490>> Acessado em: 28 de outubro de 2021

TRUYERS, Anke. **Hijras as a third gender**: an analysis on gender multiplicity of Hijras based on a rhizomatic framework, 2018. 31 p. Dissertation (Master of Arts in Gender and Diversity) - Ghent University, Ghent, 2018.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Hijras/transgender women in India**: HIV, human rights and social exclusion. Índia, 2010. Disponível em <[https://www.undp.org/content/dam/india/docs/hijras\\_transgender\\_in\\_india\\_hi\\_v\\_human\\_rights\\_and\\_social\\_exclusion.pdf](https://www.undp.org/content/dam/india/docs/hijras_transgender_in_india_hi_v_human_rights_and_social_exclusion.pdf)> Acesso em: 28 de outubro de 2021.

## ANEXO I — The Gender Spectrum Collection

Autora: Zackary Drucker

Ensaio completo disponível em: <https://genderphotos.vice.com/>



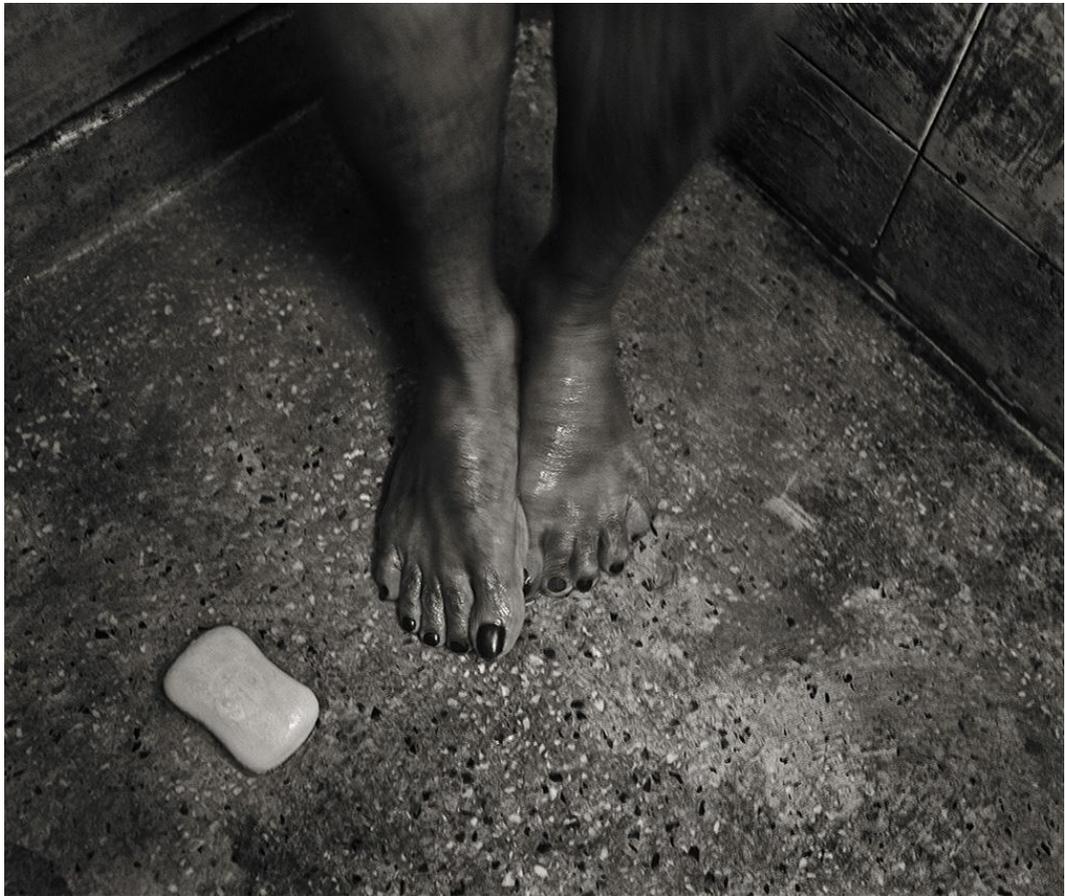


**ANEXO I — Call Me Heena**

Autora: Shahria Sharmin

Ensaio completo disponível em: <http://shahriasharmin.com/call-me-heena-new/>



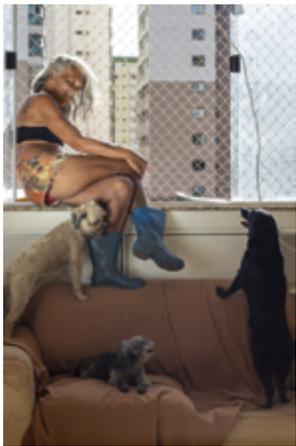




# Para Além do Espelho

um ensaio fotográfico sobre identidades TRANS

Cris





















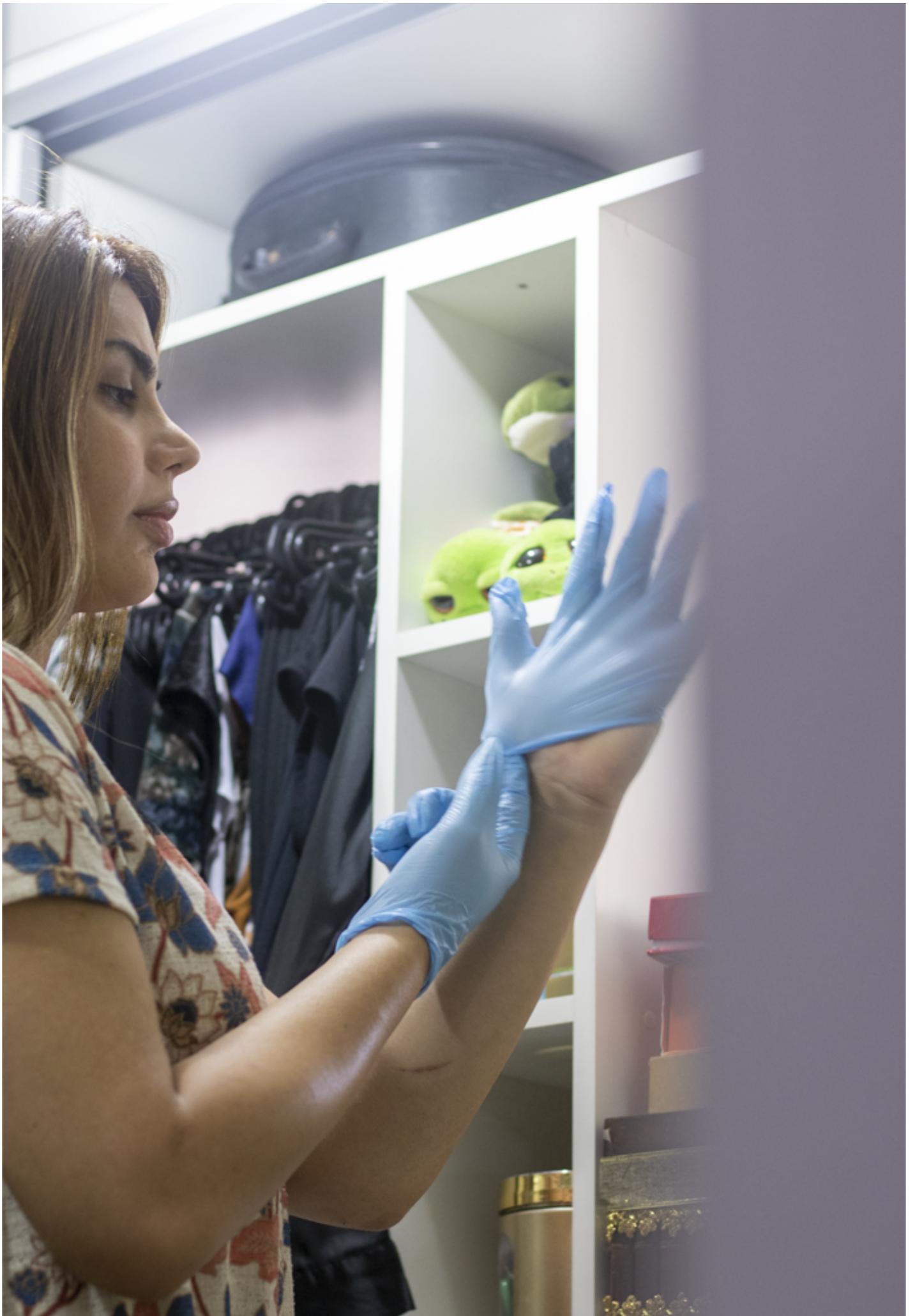
Dani













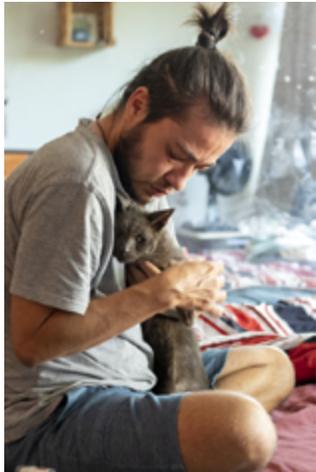








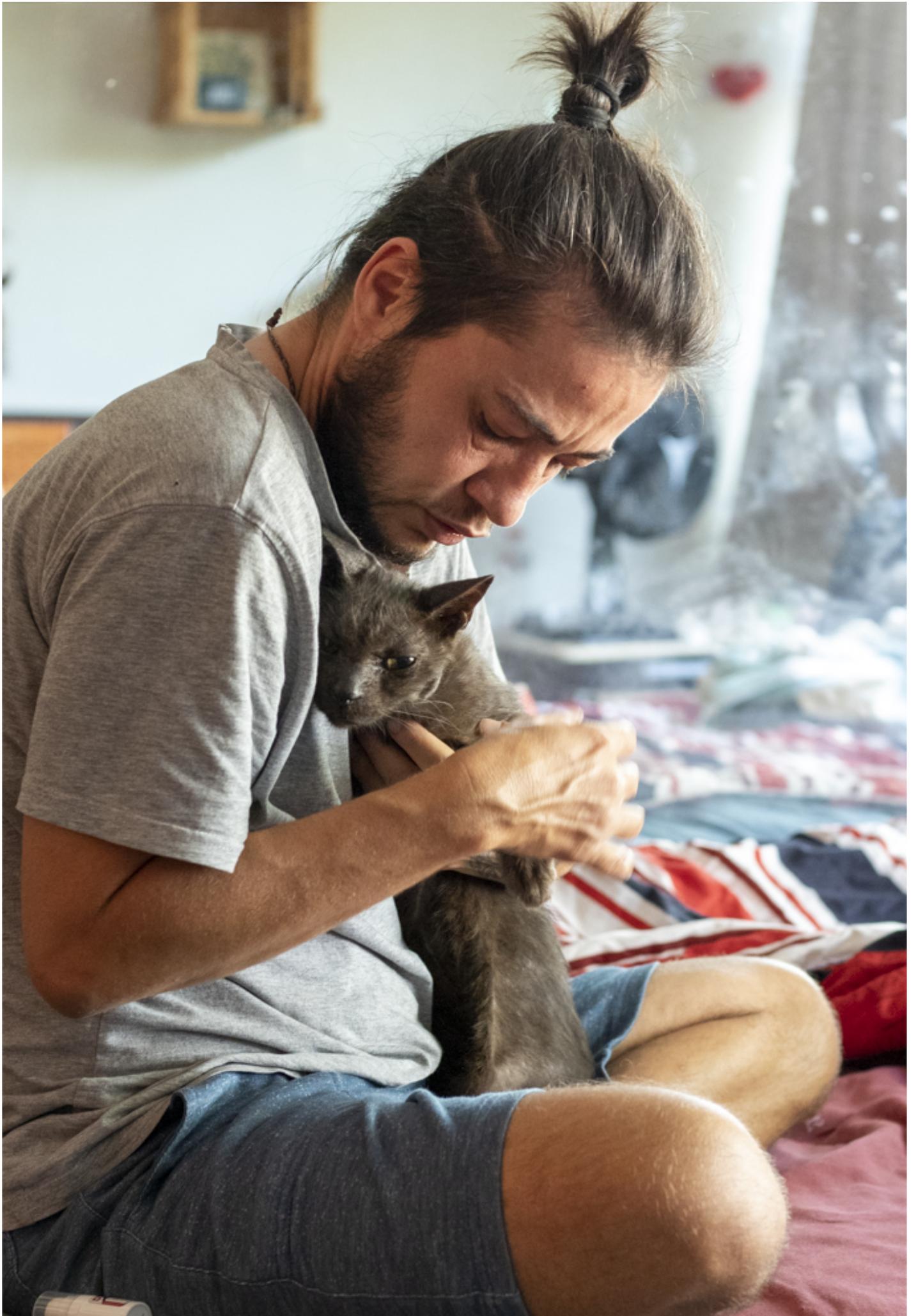
Ernesto





















Gabriel





















Kayodê





















# Para Além do Espelho

um ensaio fotográfico sobre identidades TRANS

Júlia de Lannoy C. Tavares  
outubro/2021